

HOMENAGEM A JOSÉ LOUREIRO FERNANDES, UM DOS MAIORES INCENTIVADORES DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Maria Beltrão*

Caros amigos. Gostaria de iniciar meu depoimento, expressando a emoção de estar na companhia de tantos colegas de jornada profissional e de trajetória pessoal, visto que o trabalho nos tornou mais que simples companheiros de estudo. É assim que entendo a amizade que mantenho com Margarida Davina Andreatta, Maria José Menezes, Wilson Rauth, José Brochado e Igor Chmyz, que conheci aqui, no Paraná, e aos quais, até hoje, dedico um profundo carinho.

Gostaria de registrar uma especial menção ao fraterno professor Oldemar Blasi, que acredito tenha sido o primeiro a ocupar o cargo de secretário do CEPA. Ministrou ele, também, alguns importantes cursos oferecidos pelo Centro entre 1950 e 60. Depois, dedicou-se com excepcional competência ao Museu Paranaense.

A vida tem me transmitido a forte impressão de que o ser humano é um contador de histórias. Nós, arqueólogos, o somos assumidamente por profissão; tanto que estamos aqui, agora, recolhendo nossas memórias que, reunidas, compõem a gênese da história do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, CEPA. É assim que vivemos; que entendemos que a vida importa: o respeito, o zelo para com a memória, porque é nela que existimos, que nos perpetuamos; a nós e aqueles que aprendemos a amar, a reconhecer seu valor para nossas vidas.

Como profissional, muito devo a esta Casa. Minha carreira começou em 1955, quando concluí o Bacharelado em Geografia e História pela Faculdade Fluminense de Filosofia e, no ano seguinte, a licenciatura em Geografia e História pela mesma Universidade. Ao me diplomar, fui convidada pelo professor Antônio Teixeira Guerra, grande especialista em Geomorfologia, para ser sua assistente.

O professor Antônio Teixeira Guerra depositou tanta confiança

* Doutora. Professora Associada do Museu Nacional - UFRJ.
E-mail: mcmbeltrao@gmail.com

em meu trabalho, que, inclusive, permitiu-me ministrar aulas no seu curso. Tive, portanto, que fazer um grande esforço para manter-me a sua altura. Mas, sempre achei que meu caminho era, também, a Antropologia. Ao final de um ano e meio, fui convidada pelo professor Luiz de Castro Faria para estagiar no Departamento de Antropologia do Museu Nacional. Durante o estágio, percebi que a área de conhecimento que mais me interessava era, sem dúvida, a da Arqueologia.

O professor Luiz de Castro Faria, homem de inteligência cintilante e respeitado antropólogo, exerceu um papel destacado em minha formação. Com seu aguçado senso crítico, colocava-se na posição de virtual adversário de seus alunos para, através de pertinentes questionamentos de nossas idéias, obrigar-nos a refletir sobre as nossas próprias proposições. Como não freqüentava sua sala no Museu Nacional resolvi, certo dia, comunicar-lhe meu desejo de fazer Arqueologia. Respondeu-me ele: “-você vai se casar um dia e terá filhos; a arqueologia não é uma profissão para mulher porque exige muito trabalho de campo. Você terá problemas em adequar a sua vida pessoal com a de Arqueólogo e Paleontóloga Humana”.

Sua afirmação parece ter sido premonitória; por isso vou abrir um pequeno parêntese para dirigir algumas palavras, talvez esclarecedoras, à dra. Betty Meggers. Quero, ainda que tardiamente, agradecer de público o fato da professora ter-me incluído, generosamente, há muitos anos, na relação dos arqueólogos que integrariam a equipe que trabalharia sob sua coordenação, no Brasil. Infelizmente, à época, não me foi possível aceitar o convite, em razão de minhas responsabilidades como esposa de homem público e de mãe de crianças ainda muito pequenas.

Betty Meggers, José Loureiro Fernandes, Castro Faria, Annette Laming-Emperaire, Wesley Hurt, entre outros, ajudaram a formar arqueólogos brasileiros que ainda estão trabalhando em prol de uma disciplina que cada vez mais se aprimora, cria raízes, abre novas linhas de pesquisa, internacionaliza-se e alicerça-se com base científica sólida.

Retomando o meu depoimento, relembro que na ocasião em que conversava com o professor Castro Faria, adentrou a sala o professor José Loureiro Fernandes que, além de médico, criou e dirigiu o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná e foi, também, o responsável pela reorganização do Museu Paranaense, tendo sido seu diretor de 1936 a 1943 e, depois, de 1945 a 46. Pertenceu, ainda, ao Conselho Administrativo do Museu.

Loureiro Fernandes havia contratado, com o apoio da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -,

professores franceses e americanos para ministrarem o Primeiro Curso de Arqueologia do País, junto a Universidade Federal do Paraná.

Este curso, em nível de Extensão Universitária, após o candidato passar por diversas provas de seleção, ofereceria ao primeiro colocado um contrato com a Universidade Federal do Paraná.

Foi quando ouvi o professor José Loureiro Fernandes dizer ao professor Castro Faria que havia surgido um problema: a CAPES exigia que houvesse pelos menos um candidato de outro Estado, inscrito no processo de seleção para o Curso de Extensão. A dificuldade maior consistia no fato de faltar apenas um mês e meio para os exames. No Paraná, cerca de 40 alunos já estavam se preparando há dois anos para as provas. Então, o professor Castro Faria perguntou: “-Quem irá se candidatar nessas circunstâncias? “Sem refletir, ergui a mão e apresentei-me para o desafio. O professor Loureiro Fernandes perguntou: “-mas quem é ela?” Castro Faria informou que eu era sua estagiária e que me recomendava. Fiquei feliz e surpresa, com a recomendação.

Começava, naquele momento, uma corrida contra o tempo. Já com a bolsa da CAPES, eu dispunha de apenas um mês e meio para preparar-me para as provas no Paraná.

Foi uma surpresa para muitos eu ter obtido o primeiro lugar, porque quase não tivera tempo para estudar. Mas costumo render bem quando desafiada, e aquele havia sido um desafio e tanto!

Graças à pontuação obtida no curso promovido pela CAPES ingressei, mais tarde, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Foi fundamental a experiência na Universidade Federal do Paraná, onde atendi a vários cursos que formaram a base do meu conhecimento na área de arqueologia. Assim como sou profundamente grata ao professor Castro Faria, pelo sólido fundamento que tenho em Antropologia, sou também gratíssima ao professor Loureiro Fernandes pelo conhecimento que adquiri em Arqueologia.

Nos dois anos que passei no Paraná, pude aprender a importância da organização e da sistematização para os estudos e os trabalhos de Arqueologia. Até então, antes do curso no Paraná, todos os arqueólogos eram autodidatas. A arqueologia brasileira estava, naquele momento, muito voltada para o estudo da região litorânea e, somente pouco a pouco, se foi interiorizando. Tenho orgulho de ter colaborado nesse sentido.

O professor José Loureiro Fernandes foi uma pessoa fundamental em minha vida acadêmica. Na Universidade Federal do Paraná conheci, também, os professores Wesley R. Hurt, da Universidade de South Dakota, Madame Annette Laming-Emperaire,

da Universidade de Paris, Sorbonne, e João José Bigarella. Mais tarde, em 1969, fui novamente aluna do professor Bigarella, no Curso de Sedimentologia no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No Paraná, tive, ainda, a oportunidade de trabalhar em diversos sítios arqueológicos, onde pude aprender técnicas específicas - metodologia de campo, tanto aquela praticada por americanos como a adotada por europeus - que me proporcionaram uma visão mais ampla desse universo. Foram esses excelentes professores que ajudaram a consolidar meus conhecimentos.

Nesses dois anos no Paraná, pude conviver com os já mencionados Margarida Andreatta, Maria José Menezes e Igor Chmyz. Igor, tornou-se não só um arqueólogo brasileiro de reconhecimento internacional, mas também, hoje, o editor da Revista de Arqueologia, que ajudei a criar, e da qual faço parte como membro do seu Conselho Editorial. Há uma frase do Igor que me lembro sempre e que, constantemente, me aquece o coração. Quando me vê, ele diz: “-Maria Beltrão é nossa!”. Obrigada, Igor, pelo seu fraterno carinho.

Quando comecei a dedicar-me à Arqueologia, senti muita resistência, em especial entre meus próprios familiares, com relação às pesquisas de campo. Não por parte de meu pai, que era um homem de mente bastante arejada, mas de algumas pessoas da família, que diziam que eu jamais me casaria, porque eu andava sempre em grupos de homens e mulheres pelos matos.

Esta não era, ao contrário do que muitos possam pensar, uma visão particular e exclusiva de minha família. Representava, na época, a maneira de compreender o mundo, de forma estreita e preconceituosa. No meio acadêmico, que passei a frequentar, aprendi a superar os obstáculos e não me deixar abater pelas críticas adversas e pelos preconceitos.

Embora o mundo tenha mudado, as mulheres continuam trabalhando em condições bastante adversas. Por exemplo, em 1963, no Estado de São Paulo, fui ameaçada de morte, pelas costas, com uma espingarda de cano duplo carregada. O dono da fazenda, sr. José Böer, achou que eu estava garimpando no local. Esse homem simples, do campo, desconhecia o que era uma escavação arqueológica, como, aliás, ainda acontece em pleno século XXI. Naquela ocasião, o que me salvou foi a facilidade que tenho em dialogar com o homem do campo, porque cresci em contato com a terra e com as pessoas simples. Por incrível que pareça, sou muito mais corajosa no mato do que aqui na cidade. Nas minhas andanças arqueológicas, eu estive perto da morte por várias vezes.

Embora tenha sido convidada para trabalhar em *Harvard* e no *Musée de L'Homme*, eu preferi trabalhar em terras brasileiras, porque sempre acreditei que o Brasil é um grande Museu a Céu Aberto. Julgava que aqui era um campo ainda inexplorado. Desde muito cedo, eu já tinha minhas idéias a esse respeito e nunca me arrependi de ter acreditado no meu país!

Lembro-me que tinha nove anos quando, pela primeira vez, vi uma peça arqueológica. Morávamos em São Fidélis, uma pequena cidade próxima ao município de Campos, onde meu pai trabalhava como engenheiro agrônomo. Um dia ele me levou ao Horto Florestal e me mostrou um machado polido de pedra, encontrado naquela região. Recordo meu pai ter dito: “-Veja que interessante o objeto que achamos aqui no chão!”

A segunda influência foi também vivida aos nove anos. Como eu gostava muito de ler e já havia devorado tudo que havia disponível em casa para a minha idade, meu pai autorizou-me o acesso a alguns livros de sua biblioteca. Certo dia, ele me viu lendo *Nana*, de Émile Zola – um livro considerado bastante avançado para a minha idade. Delicadamente, disse-me que aquela leitura não era apropriada para uma jovem e indicou-me um interessante livro de ciências naturais, acrescentando: “-Maria, você gosta muito da natureza, vive observando tudo e cavoucando a terra. Tenho certeza que você vai gostar de ciências”. Ele tinha razão. Foi folheando o livro de ciências naturais, indicado pelo meu pai, que eu vi, pela primeira vez a figura de uma preguiça gigante. A partir daquele dia, nunca mais deixei de interessar-me pelo assunto. O curioso é que, nas escavações que realizei, ao longo de minha vida profissional, na Bahia, encontrei vários ossos de preguiça gigante.

A influência dos primeiros anos de aprendizado é facilmente percebida ao longo de toda minha carreira. Pode-se dizer que a pesquisa que desenvolvo desde então tem um caráter eminentemente inter e trans-disciplinar, como consequência do vínculo que sempre mantive com o Museu Nacional; inicialmente como estagiária, depois como docente e atualmente como professora associada, além do contato diário mantido com os demais professores de disciplinas afins.

Além disso, durante quinze anos, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, fui responsável, como arqueóloga, em companhia do eminente pesquisador dr. Jacques Danon, pelo desenvolvimento de pesquisas na área de arqueo-física, que resultaram na produção de 23 trabalhos publicados no Brasil e no Exterior.

É importante, ainda, que se diga que foi a partir do trabalho desenvolvido pela dra. Betty Meggers e de suas importantes conclusões

sobre a cerâmica amazônica, datada pelo Carbono-14, que passamos a desenvolver, no CBPF, a pesquisa que nos levou a efetuar a datação direta da cerâmica pelo método da Termoluminescência, o que permitiu corrigir uma pequena distorção quanto à fase Marajoara. Para este trabalho, contamos com o valioso apoio do saudoso arqueólogo Mário Simões, que integrou a equipe da dra. Meggers. Após o falecimento de Jacques Danon, a pesquisa intensiva nesse campo foi interrompida; entretanto, acabei de receber convite do Vice-Presidente do CBPF para retomá-las.

Especificamente, no que concerne à pesquisa arqueológica, trabalhei e ainda trabalho em vários Estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Paraná e Bahia. Em cada um deles pesquisei vários tipos de sítios arqueológicos: Tupiguarani (aldeamentos e acampamentos), sambaquis, sítios do tipo atelier, sítios localizados em terraços fluviais pleistocênicos ou em rampa de colúvio, grutas e abrigos-sob-rocha, canhões, sítios históricos, etc.

No princípio, privilegiei o estudo dos sítios localizados no litoral, mas depois, apresentei na Academia Brasileira de Ciências justificativa sobre a necessidade de interiorizar-se a pesquisa; o que fiz a seguir. Trabalhei no interior do Paraná e de São Paulo, no Rio de Janeiro e venho trabalhando em boa parte do interior da Bahia. Entretanto, discordo da afirmação de que os sítios mais velhos estejam sempre no interior como nos era ensinado há 40 anos. O sítio de Itaboraí é um exemplo de ocupação antiqüíssima nas proximidades do mar.

Uma outra característica das pesquisas que desenvolvo, é o fato de não restringir as realidades arqueológicas brasileiras investigadas, isto é, publico sobre sítios arqueológicos tanto do período Histórico como do Pré-Histórico.

Quanto à antiguidade da ocupação humana nas Américas, tomando por base as pesquisas arqueológicas, acredito que o limite inferior cronológico hoje estabelecido para a ocupação do Continente Americano será aprofundado gradualmente. Acredito que tenha havido razões históricas para que a crença em uma ocupação de apenas 12 mil anos no passado, e agora 30 mil, seja devida ao fato das primeiras pesquisas de arqueologia, realizadas ainda no século XIX, falarem de idades relativamente altas para a época, sem qualquer comprovação científica.

Além disso, somos vítimas do próprio rótulo imposto ao continente americano: NOVO MUNDO. E o que é novo? O novo é quase sempre olhado com desconfiança; o novo é muitas vezes considerado *kitch*; o novo não está bem sedimentado e o que é pior, o novo não tem tradição.

Acresce dizer que boa parte de tudo que aprendi, nos anos 60, no campo da Paleontologia Humana, tive que reformular. Por exemplo, ao contrário do que se pensava, hoje sabemos que alguns pré-humanos também eram bípedes; em segundo lugar, se o *Homo erectus* não se desenvolveu na África e, se o processo de evolução ocorreu na África, como explicar a presença do *Homo erectus* na Ásia, com dentes com características de *Australopithecus*? Finalmente, a ocupação humana na África alcançou pelo menos 2 milhões e 500 mil anos (*Homo habilis*), que morfológicamente tem as características do *Homo sapiens*.

A ocupação na Ásia recuou de algumas dezenas de milhares de anos para um milhão e oitocentos mil, em Java. Um milhão e oitocentos mil anos no centro da China e no Paquistão. Na Geórgia (país do Cáucaso) atingiu um milhão e novecentos mil anos e, agora, outros esqueletos foram datados de um milhão e oitocentos mil anos. Curiosamente, o esqueleto da Geórgia datado de um milhão e novecentos mil anos tem características que o aproximam do *Homo habilis* africano.

No Congresso de Paleontologia Humana realizado na África do Sul, ouvi, de arqueólogos russos, a afirmação de terem provas de uma ocupação humana, na Rússia, datada de 2,5 milhões de anos.

Quanto à América, está comprovado em laboratório que já há 5 milhões de anos, pelo menos, os animais passaram da Ásia para a América e vice-versa. Ora, sendo o homem um caçador, por que ele teria dito não à América, deixando de seguir a caça nos últimos 2 ou talvez 3 milhões de anos?

Como geóloga, que também sou, venho aconselhando que se procurem sítios arqueológicos em grutas ou outros depósitos calcários que tenham suas superfícies seladas pela marga (como no caso da Toca da Esperança, na Bahia), ou em regiões próximas aos locais onde tenha havido atividade vulcânica (como no caso do sítio arqueológico de Itaboraí).

Devo acrescentar que junto com Paepe, em 1978, propus outra rota migratória entre o extremo sul da África do Sul e o extremo sul da América do Sul, que seria possível de ser percorrida durante um período glacial bastante rigoroso a partir do surgimento de um caminho de terra e/ou de gelo. A travessia também seria viável em virtude da possibilidade do metabolismo do homem pré-histórico ter sido diferente do homem atual, permitindo-lhe suportar baixas temperaturas.

Foi, ainda, graças à Universidade Federal do Paraná, que me tornei a primeira professora titular de Arqueologia no Brasil. Como docente, espelhei-me no exemplo do professor Loureiro Fernandes e, como ele, devotei particular atenção no que concerne à formação de

arqueólogos.

Tenho recebido, como estagiários, alunos de diversos cursos de graduação e pós-graduação, estudantes do 2º grau, como os do *Colégio Pedro II*, que participam do Programa de pré-iniciação científica oferecido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Criei, também, o primeiro curso de Pós-Graduação, lato senso, em Arqueologia, no país. Mais recentemente, oriento alunos do ensino médio do *Colégio Estadual Francisca Carei* que participam do Projeto Jovens Talentos para a Ciência, no município de Itaboraí, como parte das atividades para implantação do *Parque Paleontológico de São José de Itaboraí*.

A preocupação com a divulgação científica também é uma herança da iniciação que recebi aqui, no Paraná. Durante os 40 anos que estive como responsável pelo Setor de Arqueologia do Museu Nacional - UFRJ, publiquei trabalhos sobre todas as coleções pré-históricas existentes no Setor de Arqueologia, explicitando suas características; assim como publiquei também sobre a Coleção Egípcia (cerca de 1.000 peças) e, ainda, sobre a Coleção Greco-Romana. Nos dois últimos casos contei com a ajuda de vários especialistas. Quando terminei, fiquei com a impressão do dever cumprido, mesmo não sendo especialista no Egito pré-clássico e nas civilizações ditas clássicas, como os gregos.

Publiquei um livro infantil e tenho dois outros em preparação, com o objetivo de incutir em crianças de 4 a 9 anos noções de arqueologia, patrimônio e ecologia.

Por oportuno, registro, ainda, que em 1962, aos 28 anos de idade, fui escolhida pela Unesco, por unanimidade e por indicação técnica, para ser a primeira representante do Brasil como Membro do Conselho Permanente da União Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas.

Nos anos 70, por escolha de dra. Annette Laming-Emperaire, fui credenciada pelo CNPq como a Coordenadora da importante missão arqueológica da Região de Lagoa Santa.

Posteriormente, em 1985, fui novamente escolhida pela Unesco por indicação de Henry de Lumley, Diretor do Museu Nacional de História Natural, França, para participar do seletivo grupo que compõe o Comitê Superior da Associação Internacional de Paleontologia Humana.

Sempre visando divulgar e impulsionar a ciência arqueológica participo de diversas Academias e Instituições nacionais e internacionais. Criei e dirigi, durante alguns anos a Revista de Arqueologia, hoje em mãos da prestigiosa Sociedade de Arqueologia Brasileira; agremiação institucionalizada pelo professor Pedro Ignácio Schmitz, a partir da iniciativa da professora e querida amiga Dorath Pinto Uchoa,

do professor Napoleão Figueiredo e minha que arregimentamos um pequeno grupo de arqueólogos, levando avante a discussão sobre a necessidade de se criar uma instituição científica atuante em prol da arqueologia brasileira.

Guardo em meu currículo outros indicadores da marcante influência dos anos de estudante do CEPA. Esse é o caso da preocupação que tenho no sentido de estar constantemente valendo-me da realização de exposições nos mais diversos lugares, como forma de divulgar a informação científica e a cultura. Com essa perspectiva, já realizei 89 exposições, sendo três delas no exterior (Roma, Lisboa e Nova York, no World Trade Center, coincidentemente também no mês de setembro porém, cinco anos antes do atentado).

A preocupação ecológica e educativa foi outra incorporação que fiz como consequência do convívio com meus queridos e saudosos professores. Por essa razão busco, dentro das atividades do Projeto Central, projeto de pesquisa arqueológica que desenvolvo na Bahia, estar sempre formando equipes volantes, que auxiliam a reunir artesãos, a proceder ao resgate da memória local, etc., com o objetivo de manter vivo nosso saber tradicional.

Seria importante sublinhar que o Projeto Central também inclui o subprojeto “O sertão vai virar museu”, do qual já resultou a implantação de dois museus: o primeiro, o *Museu Arqueológico de Central*, no município de Central e, o segundo, o *Museu da Terra*, no município de Luiz Eduardo Magalhães, que limita com a fronteira do Estado de Tocantins.

Ao prestar meu depoimento faço, também, uma reflexão pública de minha trajetória humana e profissional. Fico feliz por estar entre amigos e poder compartilhar deste balanço coletivo da profissão que decidimos abraçar.

Certamente valeu a pena conhecer e crescer com vocês; aprender com todos, especialmente com meus alunos que constantemente me estimulam a olhar o Outro, a partir de novas perspectivas. Valeu a pena contribuir para o desenvolvimento da disciplina em nosso país e tenho a certeza de que não há volta, não há o menor perigo de retrocesso.

As bases da disciplina já se encontram solidificadas. A cada dia, a arqueologia se fortalece e se amplia mais e mais, alimentada pela produção de conhecimento advinda de todas regiões do Brasil. Soma-se a isso, a crescente sofisticação dos equipamentos e das ferramentas que podem ser utilizados em favor da pesquisa arqueológica permitindo-nos chegar a conclusões mais precisas por vias mais seguras.

Nunca nenhum arqueólogo brasileiro deveu tanto a tantos.

A todos, muito obrigada.

